

**The right of inclusion of
kindergarten teachers in H1N1
vaccination campaigns**

**| O direito de inclusão dos professores
da educação infantil para vacinação
contra A H1N1**

ABSTRACT | Introduction:

H1N1 Influenza is a highly contagious infectious respiratory disease characterized by yearly outbreaks. The virus is spread through droplets, sneezes, and the hands of carriers. The school environment, an educational space where the teacher is in direct and daily contact with students and, in the case of the day care, until the babies' sanitation. Objective: To report the experience of a group of kindergarten teachers of a city of rural area and their need to be included in the priority group for vaccination against H1N1. Methods: Report of an experience of influenza vaccination of the city, where teachers dealing with children under 05 years old were initially not classified as a priority for vaccination. Results: In the city, strategies were developed to allow kindergarten teachers to receive the vaccine. Discussion: Children stay a full day in day care centers, and are in direct contact with several teachers, who also have to take care of their personal hygiene. Conclusion: For the next vaccination campaigns, the Ministry of Health should include the teachers in the priority group.

Keywords | *H1N1 Influenza; Teachers; Vaccination.*

RESUMO | Introdução: A Influenza H1N1 apresentou-se como uma doença infecciosa do sistema respiratório agudo com surtos anuais, altamente contagiosa. A contaminação acontece por gotículas, espirros, tosse. As mãos são grandes responsáveis pelo contágio. O ambiente escolhido para este estudo foi o escolar, por ser um espaço educativo onde o professor mantém contato direto e diário com alunos e, nos casos da creche, até faz a higienização dos bebês. **Objetivo:** relatar a experiência da inclusão dos professores da Educação Infantil de uma cidade da região rural do Espírito Santo, no grupo prioritário de vacinação contra H1N1. **Métodos:** Relato de experiência vivenciada no posto de vacinação em que os professores que atuam com crianças menores de 05 anos estavam fora do grupo considerado como prioritário à vacinação. **Resultados:** Foi realizada a vacinação dos professores das crianças menores de 5 anos de idade como estratégia municipal. **Discussão:** Quando se trata do ambiente escolar, principalmente as creches, as crianças ficam neste espaço em período integral e precisam estar em contato direto com vários professores, que cuidam também da sua higiene pessoal. **Conclusão:** Espera-se que para as próximas campanhas de vacinação o Ministério da Saúde possa rever e incluir os professores no grupo prioritário.

Palavras-chave | Gripe A (H1N1); Professores; Vacinação.

¹Prefeitura Municipal de Mantenópolis/ES, Brasil.

²Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil.

INTRODUÇÃO |

No ano de 2009, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um comunicado ao mundo de uma nova ocorrência de emergência de saúde pública, ocorrido o primeiro caso registrado na cidade do México, com uma fiscal de censo, na cidade de Oaxaca. O surgimento do vírus influenza A foi denominado de H1N1, e estava associado à infecção respiratória febril. Esse comunicado ocorreu em março de 2009^{1,2}.

O vírus H1N1 se tornou uma pandemia, que é uma epidemia de qualquer doença infecciosa que se espalha pela população e se espalha pelo mundo, ultrapassando os limites geográficos, onde pode ocorrer em um ou mais continentes, até mesmo mundialmente.

O aparecimento de uma pandemia, segundo a Organização Mundial de Saúde, pode começar quando se reúnem três condições; O aparecimento de uma nova doença à população; A agente infecta aos humanos, causando uma doença séria; O agente espalha-se fácil e sustentavelmente entre humanos³ (p. 68).

O Ministério da Saúde iniciou a campanha de vacinação em 2010, que é realizada por etapas diante da classificação dos grupos de risco com o objetivo de diminuir a morbimortalidade e manter o funcionamento dos serviços de saúde pública¹.

A gripe influenza H1N1 é uma doença respiratória aguda conhecida como gripe causada pela infecção do vírus A (H1N1). É uma doença respiratória acompanhada de febre que acontece em surtos anuais e sua gravidade varia de pessoa para pessoa. O vírus afeta o sistema respiratório e é altamente contagioso, provocando sinais sistêmicos, provocando diversas síndromes clínicas em adultos, e inclui o resfriado, a faringite, traqueobronquite e a pneumonia⁴ (p. 38).

Esse subtipo de vírus da influenza é responsável pela nova gripe que pode ser transmitida de pessoa para outra pessoa por duas formas: a indireta e a direta. Na forma direta, a contaminação ocorre quando uma pessoa infectada pelo vírus transmite para outra pessoa saudável por meio do espirro e da tosse, pois as gotículas, com o H1N1, atingem quem está mais próximo⁵.

Na forma indireta, a contaminação ocorre quando uma pessoa saudável toca superfícies que estão contaminadas

por pessoas infectadas que colocaram a mão em contato com qualquer tipo de mucosa, seja de natureza oral, seja nasal, seja conjuntiva⁵.

Existem 03 tipos de vírus influenza: A, B e C. O vírus influenza C causa apenas infecções respiratórias brandas, não possui impacto na saúde pública e não está relacionado com epidemias. O vírus influenza A e B são responsáveis por epidemias sazonais, sendo o vírus influenza A responsável pelas grandes pandemias. Entre os subtipos de vírus influenza A, os subtipos A(H1N1) e A(H3N2) circulam atualmente em humanos. Alguns vírus influenza A de origem aviária também podem infectar humanos causando doença grave⁶.

Dados dos últimos boletins do Ministério da Saúde, datados de setembro de 2015, apontam alta na taxa da mortalidade. Subiu de 0,34% para 0,46%, o número de pessoas que vieram a óbito pela gripe Influenza H1N1. Esse aumento da mortalidade fez com que o Brasil passasse para a 6ª nação com a maior proporção de mortes por grupos de 100.000 habitantes para a 5ª posição. O boletim oficial de 12 de setembro de 2015 registrou-se 10.401 casos graves com confirmação laboratorial para algum tipo de influenza; desses, 9.249 (88,9%) foram positivos para a H1N1, com o número de 899 mortes em 2015^{7,8}.

Segundo estatísticas do Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), a imunização anual com vacinas inativas contra a influenza tem se mostrado eficiente e tem diminuído consideravelmente a morbimortalidade relacionada a essa doença. Sobre a vacinação e sua eficácia, Forleo Neto³ relata que:

Atualmente, entre 180-200 milhões de doses de vacina contra influenza são distribuídas e utilizadas anualmente no mundo. Mas o grande impacto causado em indivíduos considerados grupos de risco fortalece para que sempre haja o desenvolvimento de novas abordagens para sua prevenção e controle. Atualmente encontra-se em destaque, nos Estados Unidos, o desenvolvimento de uma vacina nasal de vírus atenuados, o surgimento de vacinas inativadas contendo adjuvantes, vacinas produzidas em culturas de células ao invés de ovos embrionados de 06 galinhas e estratégias de vacinação em trabalhadores sadios têm por objetivo redução dos prejuízos econômicos relacionados à doença, prejuízos os quais podem ser diretos ou indiretos causando absenteísmo no trabalho, gastos em serviços médicos (p. 19).

No ambiente escolar em que as crianças menores de 05 anos são imunizadas e se encontram no grupo com o direito à vacina, é importante que o professor desta modalidade também possa ser incluído no grupo de pessoas com direito à vacinação, pois, sendo infectado pelo vírus da influenza H1N1, ele poderá contaminar de forma direta ou indireta as crianças ou ser infectado. Entende-se que, para trabalhar com este grupo que tem direito à imunização, este profissional deve ser um cidadão saudável.

A ação desenvolvida para a prevenção contra a gripe, são as campanhas de vacinação ofertadas pelo governo federal. Mas também existem as vacinas que podem ser compradas. No caso das vacinas ofertadas na rede pública, essas são trivalentes, ou seja, imunizam contra três tipos de vírus diferentes. A composição da vacina é recomendada anualmente pela OMS, com base nas informações recebidas de todo o mundo sobre a prevalência das cepas circulantes. Dessa forma, a cada ano a vacina da gripe muda, para proteger contra os tipos mais comuns de vírus da gripe naquela época⁵.

Todos os anos o Ministério da Saúde organiza campanhas contra influenza, sendo assim existem os grupos prioritários considerados grupos de risco, como crianças de 06 meses e menores de 05 anos, profissionais de saúde, gestantes, puérperas (até 45 dias após o parto), idosos, pacientes portadores de doenças crônicas, profissionais do sistema prisional.

Diante deste grupo de pessoas consideradas prioritárias, como pessoas de risco, este trabalho propõe que os professores que trabalham diretamente com as crianças menores de 05 anos também façam parte deste grupo, pois estes profissionais atuam diretamente com este grupo e, por isso, podem ser considerados como pessoas suscetíveis e propensas a serem contaminadas pela gripe influenza H1N1⁵.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência da inclusão dos professores da Educação Infantil no grupo prioritário de vacinação contra H1N1, considerados grupos de risco, pois estão em contato direto e diariamente com essas crianças que foram imunizadas, dessa forma estes profissionais também devem ser imunizados.

RELATO DA EXPERIÊNCIA |

Trata-se de um relato de experiência que aborda o tema do direito de inclusão dos professores de crianças menores de 05 anos de idade no grupo de risco para vacinação contra a gripe influenza a H1N1. Este tema se torna relevante diante da reação destes profissionais por lidarem diretamente com um público considerado como um dos grupos prioritários e de risco, ou seja, as crianças de 06 meses e menores de 05 anos.

Também foi realizado um levantamento bibliográfico de documentos que relatam a história do surgimento do vírus H1N1, a campanha de vacinação, quem são as pessoas incluídas no grupo prioritário e por meio da observação da procura dos profissionais da educação que atuam nas salas de aula da modalidade da Educação Infantil. Esses estão muitos próximos às crianças que estão constantemente gripadas e em ambientes fechados e, por isso, buscam o direito de serem incluídos na campanha de vacinação.

A campanha de vacinação em um município da zona rural do estado do Espírito Santo inciou-se no período de 30 de abril a 20 de maio de 2016 para os grupos considerados de risco, porém a campanha se estendeu após essa data até que todos estivessem imunizados, principalmente os que se enquadravam no grupo de prioritários à vacina.

DISCUSSÃO |

É alta a procura pela vacina contra a gripe influenza H1N1 pelos professores que trabalham com as crianças com faixa etária de até 05 anos e que convivem diretamente, em seu ambiente de trabalho, principalmente na época onde é comum o aumento do índice da contaminação de diversos tipos de vírus gripais, em especial a H1N1. A escola pode ser considerada como um local de alta contaminação, sendo assim entende-se a reivindicação destes profissionais que buscam ter direito a vacinação. Podemos compreender que essa questão faz parte das políticas de saúde.

Os professores justificam a sua inclusão nos grupos considerados prioritários por manterem contato direto e permanente com várias crianças em salas de aulas consideradas ambientes fechados e com baixa ventilação. O risco de contaminação é mais propício no período em

que as temperaturas são mais baixas e a gripe acontece com maior frequência. Diante dessas afirmativas, é necessário que estes profissionais sejam imunizados com o objetivo de preservar a saúde tanto deles como da própria população com quem eles têm contato direto e diário.

Por mais que alguns estados do Brasil tenham realizado vacinação em professores, a classe de professores não foi priorizada pelo Ministério da Saúde como grupos de risco, e isso causa revolta a esses profissionais. Essa ação tem como minimizar o risco de contagiar e ser contagiado com o vírus influenza no ambiente da escola seja dentro ou fora da sala de aula.

Em um município do Espírito Santo, foi realizada a vacinação dos professores das crianças menores de 5 anos de idade como estratégia municipal. A Secretaria Municipal de Saúde recebeu do Estado 200 doses de vacina contra influenza além da cota esperada e, com essas doses, foi possível vacinar esse grupo, uma vez que já havíamos atingido a meta dos grupos de risco que o Ministério da Saúde prioriza.

Entende-se a necessidade de inclusão destes profissionais no grupo de prioridade, pois eles estão diariamente com as crianças menores de 05 anos de idade que são dependentes dos professores e auxiliares na escola, mantendo contato direto com cada uma. Em sala de aula esses profissionais estão diretamente expostos a diversos tipos de vírus e podem se tornar até transmissores, pois, em muitos casos, trabalham em mais de uma unidade escolar e com grupos de faixas etárias diferentes.

Nas creches, geralmente no inverno, janelas e portas se mantêm fechadas, colocando em circulação diversos tipos de vírus. As crianças têm imunidade baixa, adquirindo diversos tipos de vírus durante o inverno. Assim, uma vai transmitindo para outra. Quando a criança está às vezes melhorando de um resfriado ou gripe, logo já surge outra e, assim, sucessivamente. O que aumenta os casos de contágio da gripe.

Quando se trata do ambiente escolar, principalmente as creches, pode-se afirmar que este espaço é diferenciado⁹, pois, neste local, o professor tem a missão de educar e cuidar. As crianças ficam neste espaço em período integral e precisam estar em contato direto com vários professores que cuidam também da higiene pessoal¹⁰:

O cuidado com crianças na esfera das creches é perpassado pelos sentidos que os atores sociais atribuem às práticas de cuidados e por sua vez expressam os sentimentos que dão para a saúde e para a higiene (p. 34).

A higiene é realizada de forma direta e necessita que o professor dê banhos, troque fraldas. Isso torna esse ambiente como um local de fácil transmissão do vírus da gripe.

Diante da análise do presente estudo, pode-se observar que a imunização por meio das campanhas de vacinação oferecidas pelo programa Nacional de Imunização é segura e diminui a contaminação da doença.

Este trabalho mostrou a importância da imunização também dos professores que atuam diretamente com as crianças de até 05 anos de idade, para que possam ser também serem incluídos nos grupos prioritários, considerados grupos de risco.

A gripe é um vírus que sempre esteve presente na vida da sociedade. Todos os anos, crianças e idosos são os que mais sofrem, mas, em 2009, houve o agravamento da saúde pública com casos de óbitos registrados pela gripe influenza H1N1. O número de pessoas querendo ser imunizadas aumentou significadamente em 2016, porém o governo é que determina quem são os grupos que devem receber a dose da vacina. Isso revoltou os professores que, pelo seu trabalho direto com crianças, entendiam que também deveriam ter o mesmo direito, visto que muitos não aceitavam que os detentos tivessem este direito, e eles não.

Devido a essa grande procura e por ouvir muitos relatos de professores que diziam que todos os anos, na época do inverno, eram infectados pelo vírus da gripe, nasceu a vontade de trabalhar com este tema e defender que os professores também pudessem ter o direito de serem incluídos nos grupos que têm direito à imunização.

A pesquisa para realizar este relato não foi muito fácil devido à escassez de material que trata deste tema, por ser um desafio novo que o Ministério da Saúde deve enfrentar nas suas políticas de saúde pública. Foi possível perceber, em pesquisas realizadas na internet, que professores do Brasil são unânimes em reivindicar este direito à imunização e já existem até alguns projetos de lei, como na cidade de São Paulo, e no estado do Pará. Vereadores e deputados já fizeram projetos de lei para que os professores sejam também incluídos nesses grupos.

Pode-se observar então que existe um consenso que realmente os professores têm direito à vacina, pois estes profissionais estão em salas de aulas todos os dias trabalhando de forma direta com os alunos, seja na educação, seja durante o cuidado, em especial nas creches, onde é necessária a higienização. Isso torna os professores mais propícios ao contágio do vírus da gripe.

Espera-se que, para as próximas campanhas de vacinação, o Ministério da Saúde possa incluir estes profissionais, pois, como vemos, eles podem ser até um transmissor da doença. Em alguns casos, o professor trabalha com crianças de idades diferentes em diversas modalidades, convive com vários tipos de pessoas e, ao entrar no ambiente fechado da sala de aula, infectado, pode transmitir o vírus para as crianças menores de 05 anos, que são consideradas como grupo de prioridade.

REFERÊNCIAS |

1. Carmo EH, Oliveira WK. Risco de pandemia de influenza pelo vírus A (H1N1). *Cad Saúde Pública*. 2009; 25(6):1192-3.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. Protocolo de manejo clínico da síndrome respiratória aguda grave. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
3. Forleo Neto E, Halker E, Santos VJ, Paiva TM, Toniolo Neto, J. Influenza. *Rev Soc Bras Med Trop*. 2003; 36(2):267-74.
4. Carneiro M, Trench FJP, Waib LF, Pedro FL, Motta F. Influenza H1N1 2009: revisão da primeira pandemia do século XXI. *Revista da AMRIGS*. 2010; 54 (2): 206-213.
5. Brasil. Ministério da saúde. Fundação Nacional de Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. 8. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
6. Machado AA. Infecção pelo vírus Influenza A (H1N1) de origem suína: como reconhecer, diagnosticar e prevenir. *J Bras Pneumol*. 2009; 35(5):464-9.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Agência Nacional em Vigilância Sanitária. Protocolo de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós-vacinação: estratégia de vacinação contra o vírus Influenza Pandêmica (H1N1). Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
8. Brasil. Ministério da saúde [Internet]. Situação epidemiológica da nova Influenza Pandêmica (H1N1) 2015 no Brasil [acesso em 09 ago 2016]. Brasília: Ministério da Saúde; 2015. Disponível em: URL: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/fevereiro/13/Boletim-Epidemiol--gico-Influenza-SE04-2015.pdf>>.
9. Neumann CR, Azambuja MIR, Oliveira FA, Falk JW. Pandemia de Influenza A (H1N1): o que aprender com ela? *Rev HCPA*. 2009; 29(2):92-9.
10. Maranhão DG. O processo saúde-doença e os cuidados com a saúde na perspectiva dos educadores infantis. *Cad Saúde Pública*. 2000; 16(40)1143-8.

Correspondência para/ Reprint request to:

Kellen Nascimento Mendes

Rua Juvenil Alves de Oliveira, 202,

Centro, Mantenópolis/ES, Brasil

CEP: 29770000

Tel.: (27) 99937-3116

E-mail: enfermeirakellen@gmail.com

Data de submissão: 12/01/2017

Data de aceite: 24/02/2017